



EXERCÍCIOS DE MEMÓRIAS:
O SKATE E OS SKATISTAS NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS

Juliana Cotting Teixeira¹
Gustavo da Silva Freitas²

RESUMO: Diálogos estabelecidos com parte da produção acadêmica e cultural sobre o skate possibilitaram a identificação de um mimetismo narrativo no que tange a trajetória histórico-cultural dessa prática no Brasil. Inspirada na construção de outras narrativas e olhares, visto tratar das memórias sobre o skate em Rio Grande/RS adotando a história oral (PORTELLI, 2010; BOM MEIHY & HOLANDA, 2011) como postura teórico-metodológica. As memórias narradas têm mostrado indícios de modos de andar de skate na cidade, em que grupos se constituem em meio a processos de ordenamento do espaço urbano e de esportivização dessa prática.

Palavras-Chave: skate. Memória .cidade.

MEMORY EXERCISES: SKATE AND SKATEBOARDERS IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS.

ABSTRACT: Dialogues established with part of academic and cultural production about the skateboard allowed to the identification of a mimetic narrative regarding the trajectory of this historical-cultural practice in Brazil. Inspired by the construction of other narratives and visual treat of memories on the skateboard in Rio Grande / RS, I had adopted the oral history (PORTELLI, 2010; MEIHY GOOD & HOLLAND, 2011) as a theoretical-methodological approach. The memories narrated have shown evidence of modes to skate in the city, in which groups constitute amid processes of spatial planning urban and the sportivization of this practice.

Keywords: skate.memory. city.

¹ Acadêmica do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: Juliana.cotting.tx@gmail.com

² Professor do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: gsf78_ef@hotmail.com.

EJERCICIOS DE MEMORIAS: EL SKATE Y LOS SKATISTAS EN LA CIHADE DE RIO GRANDE/RS

REUMEN: Diálogos establecidos como parte de la producción académica y cultural sobre el skate posibilitaron la identificación de un mimetismo narrativo en lo que marca la trayectoria histórico cultural de esa práctica en Brasil. Inspirada en la construcción de otras narrativas y mirares, viso tratar de las memorias del skate en Rio Grande/RS adoptando la historia oral (PORTELLI, 2010; BOM MEIHY & HOLANDA, 2011) como postura teórico-metodológica. Las memorias narradas tienen mostrado indicios de modos de andar de skate en la ciudad, en que grupos se constituyen en medio a procesos de ordenamiento del espacio urbano e de esportivización de esa práctica.

Palabras-Clave: skate. Memoria. ciudad.

INTRODUÇÃO

Diferente de algumas escritas mais acadêmicas³, em que pesquisador e objeto sugerem uma relação de hierarquia e distanciamento, inicio⁴ esta escrita anunciando que estarei inspirada pela noção de sujeito da experiência (LARROSA, 2002). A multiplicidade dos “skates” na minha vida – o da pesquisadora, o da estudante, o da skatista, o das leituras, o das escritas e interrogações da academia –, vêm me acontecendo como experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos *acontece*, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21 – grifo do autor).

Nesse sentido, investigar o skate é expor-me à contingência e experiência dessa prática na pesquisa. É experimentar-me na escrita e deixar-me acontecer, desconfiando daquilo que a minha proximidade com o tema me fazia tratar como algo dado, natural, pois “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26). Esse modo de pesquisar, atravessado pelos anúncios de parte das produções acadêmicas e culturais que tematizam o skate, levaram-me a identificação de um mimetismo narrativo no que tange a sua trajetória histórico-

³ Nas palavras de Larrosa (2003) “[...] tenho a sensação de que no mundo acadêmico se está cada vez mais enfadado de ouvir sempre as mesmas coisas ditas no mesmo registro arrogante e monótono, havendo como que uma necessidade de sair desse tédio e uma certa expectativa em relação a qualquer registro de escrita que se apresente como diferente” (p. 106).

⁴ Ainda que o texto apresente uma autoria coletiva, a relação com o campo empírico é estabelecido a partir das experiências da primeira autora.

cultural, marcada pelo movimento juvenil marginal dos anos 60 à sua transformação em esporte ou esporte radical em meados dos anos 90.

Olhar para essa produção acadêmica e cultural forjou-se como uma primeira demanda para a pesquisa, a fim de entender como os saberes provenientes dessas instâncias processam a sua constituição. Nesse movimento, capturei produções acadêmicas publicadas em periódicos da Educação Física⁵, assim como de parte da produção cultural referente ao skate, especialmente em filmes e sites.

Dessas fontes, identifico que a produção acadêmica sobre skate tem se constituído mais especificamente a partir de meados dos anos 2000 e as suas abordagens tem se preocupado mais intensamente em análises culturais e na produção de uma história para essa prática em nível nacional. O eixo Rio-São Paulo tem sido o lócus predominantemente utilizado, sobretudo, no que se refere a sua origem e efervescência cultural.

Pensando a partir desse cenário para o skate no âmbito da academia, percebi um mimetismo narrativo sendo operado, uma trajetória marcada pela passagem do “lazer a esportivização” (HONORATO, 2004), “da marginalização a esportivização” (BRANDÃO, 2008), “de vilão a mocinho” (LAURO, 2011) como elementos recorrentes nas dinâmicas dessa prática.

Referindo-se às condições da produção desses conhecimentos, ou suas fontes, são os artefatos culturais⁶ e as narrativas de skatistas de sucesso ou de visibilidade midiática que têm sido privilegiados. Os skatistas de sucesso são aqueles skatistas que conseguem viver do skate, isto é, alcançaram respaldo financeiro e o exercem como um modo de trabalho. São skatistas profissionais, que, segundo Graeff (2009) são os patrocinados. Já os skatistas de visibilidade midiática (FIGUEIRA & GOELLNER, 2009) são aqueles que se inseriram em instâncias de aparecimento cultural do skate, como sites, blog, programas de TV, revistas, e desse modo, tornam-se referência no universo dos praticantes do carrinho.

⁵ Busca realizada a partir dos termos “skate” e “skateboard” em periódicos não explicitamente disciplinares da Educação Física: Revista Brasileira de Ciência do Esporte; Revista Movimento; Revista da UEM; Pensar a Prática; Motrivivência; Motriz; Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; e Arquivos em Movimento. Trabalho completo em Teixeira, Freitas e Correia (2012).

⁶ Também chamados de textos culturais, os artefatos culturais “[...] não somente fazem referência às expressões da cultura letrada, mas a todas as produções culturais que carregam e produzem significados. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38).

Os processos até aqui expostos são fundamentais a essa pesquisa, já que foi através da experiência de manusear as produções sobre skate, me deixando estranhar e acontecer por elas, que disparei uma atitude de desconstruir⁷ essa “trajetória mestra” identificada e colocar em xeque essa prática tão inscrita em minha vida.

Partindo desse diagnóstico, mesmo que provisório, pensei: se fossem contempladas outras fontes, outros espaços e vozes na produção de conhecimento sobre o skate, quais narrativas teríamos? Assim, esse estudo tem como objetivo construir parte das memórias do skate na cidade de Rio Grande/RS, buscando especificamente, num recorte para essa escrita, identificar usos dos espaços urbanos pelos skatistas, assim como as maneiras pelas quais eles constituíram-se como tais nessa cidade.

CAMINHOS INVESTIGATIVOS: A MEMÓRIA E A ORALIDADE

A história oral foi adotada como referencial teórico-metodológico, como um modo de operar nossas perguntas, já que “onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34). A ausência de registros impressos sobre o skate em Rio Grande/RS e essa tendência acadêmica e cultural em universalizar narrativas sobre essa prática, têm se constituído como uma das principais inspirações a adoção da oralidade como fonte e da história oral como caminho investigativo.

As narrativas advindas dos entrevistados desse estudo estão compreendidas na perspectiva da memória social, em que as subjetividades dos depoentes (PORTELLI, 2010) intervêm na rememoração dos eventos narrados.

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos [...] A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p. 2).

Tenho me orientado à construção de uma história oral temática, uma vez que minha intenção repousou na construção de memórias em torno de um “assunto central

⁷ “Nas palavras de Derrida (2004), a dupla atitude de receptividade e negação não se separam: ‘Deixar’ é uma das coisas mais belas, arriscadas e necessárias...a experiência de uma desconstrução inicia por render homenagem àquilo ou àqueles a quem ela, a desconstrução, se prende” (FISCHER, 2005, p. 124).

definido” – a prática do skate na cidade de Rio Grande – “mesmo que outros decorram ou concorram para seu esclarecimento” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 39).

O primeiro depoente, tomado como “ponto zero” (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007), se chama Ismael, de 24 anos⁸, escolhido por mim pela amizade originada no “andar junto”. Morador do Parque Marinha, assim como eu, bairro da periferia de Rio Grande, teve seus primeiros contatos com o skate aos 12 anos, em meados dos anos 2000, a partir da observação de alguns skatistas mais velhos que já manobravam nas ruas daquela localidade. Com um skate compartilhado com seu vizinho e colega de prática, suas primeiras experiências se deram nas calçadas e em obstáculos móveis colocados no asfalto, dispostos no próprio bairro. Ismael foi um dos skatistas da cidade que mais alcançou um nível técnico avançado e, também, que mais esteve envolvido com a promessa e esperança de profissionalização e/ou patrocínio na cidade.

O segundo depoente, Henrique, de 34 anos⁹, foi indicação do “ponto zero” e anda de skate desde 1996, quando tinha 18 anos. Assim como Ismael, foi através do encantamento oriundo da observação de alguns skatistas habilidosos que teve seu interesse despertado para a prática, durante uma viagem realizada com a família à praia de Ipanema, em Porto Alegre. Morador do centro de Rio Grande, passou a andar de skate junto a um movimento de skatistas desse local que se reunia para a prática em espaços públicos da cidade, especialmente numa praça chamada Xavier Ferreira. É considerado pelas gerações mais atuais, como a minha, como um dos skatistas “das antigas” que ainda praticam, além de ser considerado o “cara dos vídeos”.

[...] na época [o ano de 98] eu comecei a gravar tudo e daqui a pouco eu fiquei conhecido por ser o cara dos vídeos, eu comecei a gravar, comecei a comprar as revistas, comecei a formular meu próprio acervo de skate mesmo, me tornei fã do esporte além de ser um praticante (HENRIQUE, 05/10/12).

A seguir, trago alguns exercícios de memória possíveis a partir das falas dos dois depoentes as quais, associadas a diálogos teóricos, fomentam olhares sobre o skate na cidade de Rio Grande/RS.

⁸ A entrevista aconteceu no dia 27/09/11, na sala de estar da minha casa, registrada com um gravador eletrônico, duração de 53 minutos, e está transcrita e arquivada no acervo do Grupo de Pesquisa “Observatório das Práticas Corporais e Políticas da Vida” (FURG), junto ao termo de consentimento livre e esclarecido que autorizou sua identificação.

⁹ Essa entrevista aconteceu no dia 05/10/12, numa sala de aula da FURG, registrada com um gravador eletrônico, com duração de 1h27min. Está transcrita e arquivada conforme a primeira, junto ao termo de consentimento livre e esclarecido que autorizou sua identificação.

SOBRE ANDAR DE SKATE EM GRUPOS: OS “DO MARINHA” E OS “DO CENTRO”

Exponho e discuto aqui alguns modos de exercer o skate na cidade, em meados dos anos 90 e início dos anos 2000, período em que andar de skate em grupos distintos era algo presente na trajetória de grande parte dos praticantes na cidade. Esse “bairrismo” (HENRIQUE, 05/10/12) entre os próprios skatistas foi constante nas duas entrevistas, o que me conduziu a considerar esse aparecimento como um elemento de análise.

Essas narrativas referem-se à formação de grupos de skatistas na cidade, identificados como os “do marinha” e os “do centro”, atores de um cenário de conflitos que se davam entre locais de prática e modos de ser skatista. Esses tempos de tensão narrados por ambos os depoentes se localizam num momento de escassez de locais permissíveis à prática na cidade, de proibição do skate nas praças, especialmente na Xavier Ferreira (pico de skatistas do centro do final dos anos 90), e também de movimentos que buscavam reivindicar espaços em que os skates não fossem confiscados pelo poder público.

Fruto desses processos, um galpão localizado no Centro Municipal de Eventos da cidade foi concedido aos skatistas do centro para que pudessem andar de skate e, ali, consolidarem a sede da já existente Associação de Skatistas de Rio Grande (Ask-rg). O galpão criou condições para a construção e concretização do primeiro ambiente permanente de prática¹⁰, mesmo que de caráter privado, já que diárias ou mensalidades eram cobradas de skatistas que quisessem fazer uso do espaço.

Ao perguntar ao Ismael, skatista “do Marinha” que começou a praticar numa geração pós anos 2000, ou seja, já com a presença da primeira pista pública da cidade

¹⁰ Até então existiam pistas – em sua maioria *miniramps* com transições de madeira e metal – construídas em pátios residenciais e locais provisórios através de iniciativas individuais de skatistas.

nesse bairro, sobre os seus locais de prática, tive indícios daquilo que venho chamando de grupos de skatistas:

JT¹¹: E como que era assim, por exemplo, antes de ter a pista aqui o pessoal daqui ia na Ask andar né?

I: Ia lá, raramente a gente ia.

JT: Raramente, então é de vez em quando ia?

I: De vez em quando ia.

JT: E como que era o pessoal do centro?

I: Ah eles...meio que nos discriminavam, eles olhavam todos pra gente, eles não gostavam da gente, as vezes a gente ia com dinheiro a menos, sem dinheiro, de bicicleta a gente ia, que a gente sempre foi mais humilde que eles, e eles não gostavam muito da gente.

JT: E eles vinham pra cá [pro Marinha] andar depois da construção da pista?

I: Muito pouco, muito pouco eles vieram pra cá, não vieram muito não...maioria das vezes que vieram foi nos campeonato, eles não gostavam muito de vir pra cá, eles achavam que era perigoso, não sei se era isso.

Essas primeiras narrativas me levaram a pensar junto a Elias e Scotson (2000) as relações de poder entre Estabelecidos e *Outsiders*. “Os Estabelecidos [...] possuem um substantivo abstrato que os define como coletivo: são o *establishment*. Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social” (p. 07). Os espaços ou territórios de prática do skate reivindicados e habitados mais por uns que por outros criaram condições para que determinado grupo se estabelecesse num local e considerasse outros skatistas visitantes enquanto *outsiders*, os de fora. A estigmatização, produzida através do encontro com as diferenças, segundo esses autores, é parte dessa relação.

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35).

Segundo esses autores, é a coesão e o “monopólio das fontes de poder” (p. 24) que permitem que determinado grupo reconheça-se como superior ou estabelecido. A partir das narrativas produzidas, os espaços e pistas de skate da cidade e os processos de organização que um grupo de skatistas estabelece forjando-se como equipe ou

¹¹ JT: iniciais da entrevistadora; I: Ismael; H: Henrique. Quando exponho diálogo entre entrevistador e depoente utilizo somente as siglas pra identificá-los. Quando exponho apenas a fala do depoente, faço referência ao seu nome e data da entrevista ao final da fala.

associação, o fortalece e o consolida enquanto grupo estabelecido. Abaixo, Henrique fala sobre a constituição do grupo de skatistas “do centro”:

Pelo, pelo que eu vi nos anos 90 era mais assim todo mundo andando independente de qualquer grupo assim, bairros ou qualquer coisa assim, era todo mundo andando junto, não havia uma organização e tal, só começou a ficar organizado mesmo a partir de 98, fim dos anos 90, quando o pessoal foi reivindicar pista lá pro Eduardo Lawson [Secretário de Turismo, Esporte e Lazer na época], por que até então não havia nenhuma organização, não havia nada, todo mundo andando independente de qualquer bairro, não havia nenhuma segregação, não havia nada (HENRIQUE, 05/10/12).

A emergência de uma nova e primeira pista de skate pública na cidade vai reconfigurar essa relação, pois a partir desse momento, andar de skate na pista pública “do Marinha”, sendo skatista “do centro”, colocava esse último na condição de *outsider*, e aqueles skatistas do bairro como estabelecidos, produzindo disputas que se davam entre os territórios de prática e modos de andar de skate desses grupos.

Nesse momento, final dos anos 90 e meados dos anos 2000, os espaços de prática da cidade localizavam-se na pista da Ask-rg e na pista pública do Parque Marinha. Essa última foi concedida pela prefeitura aos skatistas desse bairro que se organizavam enquanto Equipe de Skatistas do Parque Marinha (ESPM) para sua concretização. Sobre parte do processo de implementação dessa última pista, diz Ismael:

Sim a gente andava na rua, a idéia que surgiu foi na vez que a gente tava andando ali na pracinha e chegou os policiais atirando tudo pra cima, aí uma senhora perguntou: ‘ah, por que vocês fazem isso com os guris, por que não arranjam um espaço aí nessa praça aí pra eles andarem de skate’, aí surgiu a idéia, aí o Roger criou a Equipe de skate do Parque Marinha, eles tinham carteirinha, tudo, a gente fazia reunião lá no Roger. Aí a gente começou a ir em rádio pedir, câmara de vereadores, prefeitura, tudo isso, a gente ia, até a gente conseguir, ficamos uns dois anos na batalha eu acho até conseguir (ISMAEL, 27/09/11).

Esses processos que, de um lado, reivindicaram a consolidação da pista da Ask-rg no Centro Municipal de Eventos da cidade e, de outro, da pista do Parque Marinha, forjaram o grupo de skatistas “do centro” e o grupo de skatistas “do Marinha” através desses movimentos de “organização” ou esportivização da prática em associações e equipes para legitimarem suas vozes e lutas.

ARQUITETURAS DO SKATE: USOS DOS ESPAÇOS PUBLICOS E URBANOS DA CIDADE

Para além das pistas de skate, arquiteturas esportivas previsíveis a prática (SOARES, BRANDÃO, 2012), as ruas e os espaços públicos urbanos da cidade

também são lugares de acontecimento. Procurando identificar alguns usos dos espaços urbanos do município pelos skatistas entrevistados, deparei-me com um passado em que as praças e as calçadas de escolas eram terrenos diários do skate, e que as poucas pistas que se construíam, vinham sanar uma modalidade específica em ascensão na década de 80, que era o vertical e as transições¹².

[...] nos anos 80 predominava mesmo era *half* ou *miniramp*, o pessoal não fazia *street* ou skate de rua como faz hoje, todo mundo era *half*, todo mundo, o próprio esporte, era muito mais popular nos anos 80 era o *half*, o *street* só ganhou força mesmo nos anos 90 pra cá, então isso era uma influência da época né, tanto que hoje quando se faz pista de skate, se inaugura qualquer pista de skate em qualquer cidade sempre é pista de *street* mesmo, é uma mudança no panorama do skate (HENRIQUE, 05/10/12).

Assim, identifico que as chamadas transições, orientadas por uma “influência da época”, davam lugar ao *street*¹³ e ao skate na rua. Algumas produções apontam para os skatistas *streeteiros* como arquitetos urbanos (UVINHA, 2011)

ou como aqueles que “fazem a cidade” (MACHADO, 2012), já que a imprevisibilidade e a infinidade de possibilidades de manobrar e usufruir dos picos urbanos constitui-se como uma das principais inspirações ao skatista *street*:

É, a gente andava às vezes na frente dos colégios, Juvenal Miller, muito já andei na frente do Juvenal Miller, que o pessoal andava ali na frente né, ou ruas asfaltadas tipo Barão de Cotegipe. Aquela coisa assim de botar os obstáculos...um cano ou um negócio pra pular no asfalto da Barão de Cotegipe, mas mais o pessoal andava era na praça Xavier, e lá no Cassino a canchinha, atrás do Hotel Atlântico, uma baita cancha ali, era mais isso mesmo. A praça Xavier sempre foi o melhor lugar, sempre mesmo, pelos obstáculos e pelo piso também, definitivamente a praça Xavier (HENRIQUE, 05/10/12).

Em Rio Grande, a partir das falas dos depoentes, o skate no espaço público teve vida curta, já que esses também eram espaços de encontros e circulação de pessoas com intencionalidades diversas, principalmente, quando se dava em praças da cidade. O

¹² Refiro-me às modalidades do skate que acontecem numa pista em formato de “U” em que o skatista realiza suas manobras sempre na direção vertical, num vai e vem constante entre as bordas da pista.

¹³ O skate *street* não necessariamente é o skate praticado nas ruas. São construídas pistas de skate imitando obstáculos encontrados nelas. O skate que acontece nessas pistas também é considerado skate *street*, mesmo havendo diferenças significativas no modo de andar de skate nas ruas e numa pista dessas. Nas ruas, o skate geralmente tem fim em si mesmo, ou é exercido com o objetivo de filmar manobras para a produção de vídeos. Já nas pistas de *street*, percebemos muitos skatistas treinando, isto é, repetindo uma linha de manobras para realizá-la nas competições. Assim, os espaços de prática do skatista condicionam sua constituição e os educam para um ou outro modo de ser skatista.

skate na Praça Xavier Ferreira, entre outros lugares, foi proibido antes mesmo da criação da pista e sede da Ask-rg.

[...] naquela época (anos 90) não tinha problema de andar na praça Xavier, passava tardes e tardes, sábado e domingo andando na praça Xavier lá, hoje qualquer um que for andar lá pode ter o skate apreendido pelos policiais ali da prefeitura. A praça Xavier foi uma escola pra mim, muito andei lá, aprendi manobra, tenho grandes lembranças mesmo, só não ando lá hoje por que é proibido né, senão andaria (HENRIQUE, 05/10/12).

Nesse processo de interdição, alguns rótulos e estigmas eram direcionados aos skatistas, principalmente, aqueles que tentavam burlar esse novo impedimento na cidade. Ao perguntar sobre o que levou o Henrique e os skatistas do centro a buscarem uma pista para si, escutei a seguinte resposta:

[...] tu ir andar de skate e ser tratado como marginal assim, dá impressão que tu é um marginal, de repente os policiais ali dizem: 'dá teu skate'. Já me tiraram o skate uma vez, tive que assinar um documento, tive que dar carteira de identidade e tal, aí disseram assim 'se tu andar aqui de novo nós vamos pegar o teu skate e não te entregamos mais', a gente vira um marginal nessas horas né, então é por isso que a gente fez esse tipo de coisa aí, pra conseguir um espaço pra andar livremente sem problemas, por que o skate é um esporte marginal de certa maneira, é uma pena, e...e, essa, essa pista no centro de eventos teve que ser assim, a gente teve que falar com políticos e tal, mobilizar mesmo, até conseguir, foi assim que a gente conseguiu aquela pista (HENRIQUE, 05/10/12).

Essas investidas no ordenamento da cidade por parte do poder público estabelecem os lugares permissíveis e não permissíveis das práticas dos sujeitos que nela convivem, esquadrinhando-os em determinadas possibilidades de ação e movimento. No caso dos skatistas, impõem a existência de um lugar especializado à prática, subordinando essa a necessários investimentos em sua esportivização para manutenção de sua existência, ao menos, permissível. Atitudes como essa me colocam a pensar na cidade e nos sujeitos que as usufruem inseridos em políticas direcionadas ao consenso, à ordem e à homogeneidade, visto que a proibição também é decorrente de processos de convencimento da necessidade de espaços específicos às práticas corporais e esportivas na cidade.

Previne-se da experiência do convívio com o outro quando se erguem fronteiras entre os espaços permitidos e os espaços proibidos. Esses jogos de poder determinam certas arquiteturas como as únicas possíveis a determinadas práticas, como, nesse caso, as pistas de skate.

Essas políticas do proibido, assujeitam e educam para determinados modos de viver o skate e constituir-se skatista na cidade.

Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (BAUMAN, 2009, p. 70).

A persistência em fazer usos inesperados da cidade não somente constitui parte de um processo de resistência a esses movimentos de limpeza do espaço urbano, mas também engendra outros modos de ser skatista, tecidos a partir das dinâmicas e contingências do lugar público e da multiplicidade de sujeitos que nele circulam. “A formação da identidade é um processo público, um acontecimento no mundo. Nas lutas contra formas de subjetivação (...) o sujeito se constitui no mundo compartilhado com outros indivíduos” (ORTEGA, 2000, p.28). Investir nisso é promover abertura à experiência do público e do político de um modo diferente, é estar aberto a outra política da amizade a partir de outras práticas de liberdade, que não convivam somente com semelhanças, mas especialmente, com as dissonâncias.

PARA CONTINUAR

As memórias trazidas a partir de dois depoentes indicam que os processos de constituição dos skatistas são atravessados por tramas que se dão entre a organização da prática – buscando sua legitimação e a conquista de lugares permissíveis – e a adesão a um espírito do tempo dominante, em que ser esportivo atribuem a uma prática e a seus praticantes, estatuto socialmente valioso. Frente a isso, grupos de skatistas foram se formando, estabelecendo-se em locais de prática conquistados, que nesse processo, criaram condições para que uma figuração estabelecidos-outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000) se desse entre os skatistas de Rio Grande. Essas considerações me permitem indicar a multiplicidade de modos de constituir-se skatista, uma vez que as dinâmicas, interdições e políticas em funcionamento em cada localidade intervêm produtivamente nas condições para que essa prática se desdobre numa ou noutra trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN. Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 01-24, dez., 2008.

COSTA, M; SILVEIRA, R; SOMMER, L. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, Mai./Ago., 2003.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2000.

FIGUEIRA, M; GOELLNER, S. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, mai., 2009.

FISCHER, R. Escrita Acadêmica: arte de assinar que se lê. In: COSTA, M; BUJES, M. **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 123-127.

HONORATO, T. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. In: XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2004, Campinas. **Anais do XVII Encontro Regional de História**. Campinas, 2004, p. 01-14

GONZÁLEZ, F. Esportivização. In: GOZÁLEZ, F; FENSTERSEIFER, P. **Dicionário Crítico de Educação Física**. 2ª edição, Ijuí: Unijuí, 2008, p. 170-174.

GRAEFF, B; STIGGER, M. O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 163-186, jul./set., 2009.

GRAEFF, B.. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas**: da "vizinhança" ao "corre". 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano - UFRGS, Porto Alegre, 2006.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan./Abr., n. 19, p. 20-28, 2002.

_____. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação & Realidade**. v. 28, n. 2, p. 101-115, jul-dez, 2003.

LAURO, F. Skate: de vilão a mocinho. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA (CBAA) - Entre o urbano e a natureza: a inclusão na

aventura. **Anais do V Congresso Brasileiro Atividades de Aventura**. São Paulo: Lexia, 2011.

MACHADO, G. “Todos juntos e misturados”: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012, p. 63-85.

BOM MEIHY, J.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Vóz, 2010.

_____. Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: **Tempo**. Rio de Janeiro: v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

SOARES, C. BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

TEIXEIRA, J; FREITAS, G; CORREIA, J. O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da educação física. **Revista Didática Sistemica**, v. especial, n. 1, p. 124-139, 2012.

UVINHA, R. As atividades de aventura no contexto urbano: cenários e potencialidades. Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2011, São Paulo. **Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**. São Paulo: Lexia, 2011, p.159-168.

SITE

www.cbsk.com.br. Acesso em: 09 mar de 2013.

ENTREVISTAS

Ismael Silva, 27/09/2011.

Henrique Ziemer, 05/10/2012.